

ALGUMAS IMPLICAÇÕES DOS IDEAIS DOS PROFESSORES NO TRABALHO COM ALUNOS POSSUIDORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA.

Élide Avila Kessler¹
Sabrina Eliz Inacio²



RESUMO - Levando em consideração a possibilidade de articulação entre a psicanálise e a prática escolar, temos por objetivo compreender o discurso sobre os ideais dos professores com relação aos alunos em uma Escola de Educação Especial. O trabalho de psicologia escolar, em particular na escola de educação especial, se depara, sem cessar, com a demanda dos professores sobre como lidar com os alunos e, principalmente, com alunos com necessidades de cuidados especiais. O trabalho buscou entender através das entrevistas o discurso dos professores, o que idealizam para seus alunos e se está próximo do que acontece no seu fazer diário. Foi possível encontrar elementos como: os ideais ficam a nível das ideias, sem serem colocados em prática, sem que eles tenham clareza dessa distância entre o que pensam e o que realmente conseguem realizar com o aluno, existindo uma falta de reconhecimento do que eles idealizam e o que o aluno parece buscar deles. Reforça uma posição de que o que eles almejam está distante do que o aluno pretende. De posse desses dados, aproveitar essas compreensões para implementação no trabalho dos professores junto aos alunos na instituição escola.

Palavras-chave: Professor. Ideais. Educação especial.

ABSTRACT - Taking into consideration the possibility of links between psychoanalysis and school practice, we aim to understand the discourse on the ideal of teachers in relation to students in a Special Education School. The work of school psychology, particularly in special education school, faces, without ceasing, the demand for teachers on how to deal with students, and especially with students with special care needs. The study sought to understand speech through interviews of teachers, which idealize for its students and is close to what happens in your everyday. It was possible to find elements like: the ideals are at the level of ideas, without being put into practice, without their clarity that distance between what they think and what they actually can do with the student, there is a lack of recognition of what they idealize and the student seems to seek them. Strengthens a position that they crave it's far from what the student wishes. With this data, take advantage of these insights for implementation in teachers' work with students in the school institution.

Keywords: Teacher. Ideals. Special education.

1 – Professora do Curso de Psicologia. Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Campus São Jerônimo, RS, Brasil.

2 – Professora tutora na Pós-graduação Flex EAD – Grupo UNIASSELVI.

Dados para correspondência
Élide Avila Kessler;
E-mail: elideakessler@gmail.com

Recebido em: 01/12/2013.
Revisado em: 17/02/2014.
Aceito em: 27/04/2014.

Área: Desenvolvimento humano.

INTRODUÇÃO

Uma suposição primeira que se poderia fazer de um professor dentro da escola seria a de um sujeito desejante em uma educação transformadora, inspirada por ideais elevados e assim por diante. De fato, é bom que seja assim: por mais difícil que seja o cenário e por mais arruinado que esteja o mundo, é importante vislumbrar alternativas de uma vida melhor. No entanto, isso não impede, e até exige, que tenhamos um olhar crítico para nossa realidade.

Os ideais dos professores com relação aos alunos em Educação Especial se manifestam diante das dificuldades encontradas e trazidas por eles mesmos no cotidiano escolar. Nos últimos anos de trabalho, e pertencendo a uma equipe de saúde escolar desde 1988 tenho tido uma demanda dos professores, cada vez maior, de como lidar com aluno. Como psicóloga itinerante e trabalhando também dentro de uma Escola Especial, esses pedidos aumentam, talvez pela pluralidade de dificuldades com as quais estão se deparando. A busca é entender melhor os ideais destes professores, especificamente da Escola Especial através do discurso do professor, para que de posse dos elementos levantados, quem sabe, amenizar o mal-estar que a relação professor-aluno muitas vezes causa.

Para a compreensão dos discursos foram propostos objetivos como: a) Escutar os discursos dos professores que trabalham com alunos especiais; b) Buscar elementos que possibilitem a compreensão desses ideais em relação ao aluno; c) Fazer uso das compreensões levantadas para, quem sabe, implementar junto aos professores no seu cotidiano na instituição escolar.

EDUCAÇÃO ESPECIAL

Um breve histórico

Quando se fala de educação especial parece que ela sempre esteve assim, com essa configuração. As pessoas são diferentes, isso parece nunca foi negado. A pergunta que poderia ser feita é; como fazer mais e melhor uma educação de qualidade para todos sem exceção.

Depois do percurso exclusão, separação, integração, enfim chegamos à inclusão. No momento em que vivíamos na história da humanidade a plena exclusão poderíamos associar com o que se pensava sobre o sujeito com determinada deficiência e, então, como

refere Baptista (2003, p.47) era também uma questão da condição de idiotia ser associada à ausência de crença na educabilidade do sujeito.

Mesmo com a evolução do conhecimento científico, por muito tempo a marca corporal desses sujeitos com deficiência estava ligada ao corpo e as marcas corporais, então, só se ocupariam dessa manutenção os que conheciam os males do corpo.

Segundo Baptista in Maraschin (2003, p. 47) as primeiras propostas de atendimento de educação chamada “especial” surgiram associadas às características de cuidado/afastamento e à intervenção de tipo ortopédico, no sentido de corrigir o sujeito “desviante”.

As escolas de educação especial foram um grande passo no sentido de diminuir a segregação. Surgiram ainda com uma posição, em princípio, transitória, (Glat, 1998 e Beyer, 2005, p.15) in caderno Específico de Ed. Especial da Uniasselvi. Essa solução deveria ser passageira.

UM MOMENTO MAIS ATUAL DA HISTÓRIA

A partir de década de 70, poderíamos dizer que começou a apontar para um processo de desinstitucionalização e, então, a ideia era uma transferência de sujeitos que já estavam tendo oportunidade que o ensino regular não rejeitava oportunizar para essas pessoas possuidoras de necessidades especiais.

As escolas especiais têm como alunos - por princípio - alunos em que a idade cronológica está em desacordo com a idade mental, caracterizando em muitos casos um DÉFICT INTELECTUAL⁸⁶, mas que não deixam de estar associados à problemas psíquicos, e também se encontrar associados a diferentes tipos de perturbações afetivas e do comportamento, os quais impedem que sujeitos possam utilizar suas - mesmo que reduzidas - capacidades em um grupo social ou profissional.

Diz-se que a criança considerada com DEFICIÊNCIA MENTAL é alguém que adquire uma personalidade particular, fruto de seus próprios conflitos e do seu modo de relacionar-se num mundo por si só exigente. Fatores tais como a própria comparação no contato com as pessoas que o rodeiam ou nos jogos com os amigos, os fracassos escolares, a percepção do êxito mais frequentes dos outros, a transferência de classe ou a instituição

⁸⁶ Foi inserido aqui para dar uma caracterização como uma defasagem entre idade cronológica e mental.

especial, acabam por fazer com que o deficiente veja sua própria diferença, entendida como inferioridade.

OS IDEAIS DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Os ideais do professor numa visão psicanalítica

Quando se escolhe uma escola ou um lugar para trabalhar, talvez não se consiga ter esta clareza ou determinação. Então, escolhemos este lugar de trabalho baseado em que?

Para falar de ideais de cada um de nós, e em específico com relação aos professores dentro de uma visão psicanalítica, teríamos que percorrer o caminho do desejo da transferência e nessa composição os ideais.

Segundo Carrara org. (2004, p 99) A relação triádica precisa ser assumida na relação professor –aluno, ou seja, é necessário explicitar que entre o aluno e o conhecimento objeto de seu desejo há um terceiro, o professor, que funcionará como elemento de regulação do acesso a esse objeto.

O aluno com o qual o professor vai se relacionar nunca irá corresponder ao idealizado, por mais que tudo pareça maravilhoso, sempre é diferente do imaginado. Tanto nunca irá corresponder que assistimos na clínica, a casos em que a sintomatologia de um portador de déficit aparece mesmo não estando presente nenhuma lesão orgânica real. São casos em que aparece a denominada lesão imaginária, cujo registro, estruturalmente, situa-se no sujeito psíquico.

Para seguir falando sobre os ideais, podemos consultar o que significa ideal no dicionário da Língua Portuguesa, o Aurélio (1999, p. 1071): “*Que existe somente na ideia; imaginário, fantástico. O sonhador não abre mão de sua riqueza interior*”. Que é síntese de tudo que aspiramos, de toda a perfeição que concebemos. O conceito que se aproxima mais de nossa abordagem. Ainda no Aurélio: “*Aquilo que é objeto de nossa mais alta aspiração intelectual, estética, espiritual, afetiva, ou de ordem prática*”.

E na educação, o ato de educar tem a conotação de civilizar, ou seja, inscrever os sujeitos em códigos, nos hábitos nos costumes que já estavam dados no tempo/local em que se veem ao nascer.

Baseado no que Calligaris (1996, p. 50) coloca, há dois caminhos para se constituir um sujeito fazendo parte dessa construção interna. O Ideal do Eu caracterizando-se como

ligado aos valores, obrigações, tradições de sua cultura. Já o Eu Ideal busca coincidir com a imagem que poderia satisfazer aos outros (primeiro aos pais).

Para um professor que referiu a possibilidade de seus ideais no dia a dia diz: P3 “*Comigo não é assim os ideais são colocadas em prática*” ou ainda podem se contradizer como o P2 “*Porque ele é concreto e se não se concretizar ele só ficará a nível de ideias, pensamentos.*” “*Se não virar uma ação não é um ideal, às vezes fica somente na ideia.*”

Então se os ideais ficam a nível das ideias e nem todos colocados em prática, podemos inferir que existe uma falta de clareza dessa distância entre o que pensa e que consegue realizar com o aluno.

Lajonquière (1999, p. 92) nos lembra que a forma como se tratam os ideais (simbólicos e imaginários) é inseparável daquela com que se pretende educar. Mesmo com a constatação acima da leitura do discurso do professor, temos que trabalhar com esse dado que fica implícito na fala deste para entender a relação do professor com o aluno.

Em psicanálise podemos destacar o Ideal do Eu (simbólico). Esses ideais em larga medida são tributários das primeiras realizações da humanidade, vêm a determinar a unidade cultural de um povo, ou seja, compõem a trama do tecido que o abriga e suporta enquanto humanos. Para que este cenário possa se desdobrar, precisamos do mundo, das pessoas e das coisas para que o objeto de desejo se produza desde quando nascemos. Esse campo que se estabelece é a transferência. Professor e aluno não fogem deste lugar onde se instalam expectativas de um e de outro, por mais marcas físicas e limitações intelectuais que possam estar em jogo nesta relação. A Transferência é um investimento de desejo. Chemama (1995, p.217) como tal, é a “*margem que separa, devido à linguagem, o sujeito do objeto supostamente perdido. Esse objeto é a causa do desejo*”.

Outra fase do P3: “*Eles é que me ensinaram*”. Está aqui um exemplo de possibilidade de troca, quando se abre essa via transferencial de mão dupla. Para que ocorra o aprendizado de ambos, professor e aluno, é preciso abdicar da posição de poder que o investimento transferencial lhe coloca.

A relação com um outro que ensina envolve aprender com alguém; na escola está na figura do professor esse lugar. Algo terá que ocupar esse lugar esvaziado de uma referência até então operada pela tradição, encarnada na denominada função paterna. Aí é que vão se enlaçar, amarrar, os elementos constitutivos e orientadores daquilo que é fundante do sujeito, uma vez que conforma as balizas que o situam no mundo. A importância do professor então, não é qualquer. É de elementos como estes que Lacan in Kessler, Elide A. (2005, p. 28) se

utiliza para definir o inconsciente como “*discurso do outro*”. Quando alguém entra no sistema escolar, é imediatamente projetado no tempo: “o que será quando crescer”. Surgem as expectativas dos pais e pessoas próximas sobre o filho; da sociedade, sobre o futuro cidadão. Configura-se um ideal – um ponto de referência situado adiante – a ser perseguido e que passará a orientar os passos da pessoa.

Se acreditarmos no inconsciente, temos que supor que essa transmissão se realiza de inconsciente para inconsciente e que poderá gerar efeitos tanto no professor, mas também no aluno, ainda que não saibamos quais sejam. O professor teria que ser tomado como no sentido mais amplo da palavra, uma espécie de agente cultural, e não como um reles tecnocrata dos conteúdos, especialista em informações, ou domador de feras, suas inimigas. O professor é também um sujeito marcado por seu próprio desejo inconsciente

Segundo Kessler (1999, p. 65)

Um professor não terá a menor chance restringindo-se a ser bom conhecedor dos temas da área, um bom ‘técnico’, um mero transmissor de informações e conteúdos. Necessitaria estar ligado (plugado) aos acontecimentos de forma ampla, as novidades tecnológicas ao debate do momento entre filósofos, ao que anima os comentários dos ‘simples mortais’ e que repercute via imprensa, à última tendência entre os jovens.

Historicamente a tentação de abusar desse lugar de poder sobre o aluno é muito forte então Kupfer (1989 p.93):

No caso do professor, abusar do poder seria equivalente a usá-lo para subjugar o aluno, impor-lhe seus próprios valores e ideais. Em outras palavras, impor seu próprio desejo, fazendo sobrepor-se àquele que movia seu aluno a colocá-lo em destaque.

O campo fértil para colocação dos desejos, e em conjunto os ideais que movem o sujeito no mundo, encontram lugar na transferência. A transferência ocorre na análise e fora dela, nos neuróticos, psicóticos enfim, com todos os sujeitos. As relações humanas contém uma mistura de reações transferenciais e do que podem ser pensadas como mais realistas.

Com toda esta expectativa de que o que é dos ideais faz parte do que tem que concretizar, passa a inviabilizar qualquer possibilidade de espaço criativo, ou seja, temos que ter nossos ideais, até porque, sem eles não conseguiríamos seguir, mas fica muito difícil do professor seguir nessa perspectiva de que ideal está ligado ao concreto, dificultando e muito o trabalho junto ao aluno na escola.

A fala de outra professora mais experiente (com mais tempo de trabalho em educação) aponta para possibilidades de como lidar com ao engessamento do jogo dos ideais com

prática. P2 *“Acha o que se aprende nos cursos foge da realidade. Adaptar para sair-se bem no trabalho, Esta vivência que é proporcionada pelo espaço físico e pela região onde trabalha”*, ou seja, só a vivência do dia a dia vai construindo essas novas possibilidades de trabalho. O professor fica então no lugar de um possibilitador e o psicólogo na escola pode, com seu embasamento teórico e uma leitura outra, que não aquela mais explicitada, auxiliar na compreensão da relação professor/ aluno.

Qual seria o lugar dos ideais do professor na escola de educação especial?

A relação professor/aluno, desde a perspectiva psicanalítica, é tomada dentre vários elementos que cumprem uma possibilidade de leitura da cena que se monta para que ocorra a aprendizagem. É a partir disso, então, que tanto o sucesso como o fracasso na aprendizagem são considerados, desde uma dimensão não apenas cognitiva, mas sim vinculada ao que o sujeito em sua estrutura carrega, suporta, enquanto determinação. Com relação aos ideais dos sujeitos envolvidos na relação ensino/aprendizagem cabe serem colocados junto ao desejo⁸⁷, que vai se desenrolar na transferência diante de um outro.

O ideal do eu e o eu ideal, como foi levantado na subseção anterior, articulam este sujeito desejante, sendo que o desejo ou o sujeito desejante pode aparecer no que tantas vezes os educadores descrevem como motivação. Aqui, falaremos em desejo de saber, ou simplesmente desejo. Uma pessoa, um EU, é, antes de tudo, um EU para alguém, para um OUTRO⁸⁸; primeiro de tudo, um filho, é um filho de alguém que o quis, que o desejou.

A estrutura transferencial que se monta na relação e é definida pelos ideais da cada um, é que será intermediário entre os sujeitos, no caso aqui, professor e alunos, e com os objetos inconscientes de que dispõe os sujeitos envolvidos. Reforçando o que Kupfer (1989, p. 89) define que *“transferir é então atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo”*.

É importante alertar novamente que a condição de espelhamento é inevitável na relação professor-aluno e precisa ter a devida consideração. Obviamente o professor não deve se valer dessa condição de ideal do aluno para dominá-lo e assujeitá-lo.

O professor, tal como a mãe, funciona como um espelho através do qual o aluno irá construir sua imagem enquanto pessoa e, particularmente, enquanto sujeito em busca de

⁸⁷ Falta inscrita na palavra e efeito da marca do significante sobre o ser falante. CHEMAMA, 1995, p. 42

⁸⁸ Lugar onde a psicanálise situa além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina. CHEMAMA, 1995 p. 152

conhecimento. O olhar do professor é também fator importante para a imagem que o aluno forma de si mesmo no campo da relação entre os dois na construção do conhecimento. Para o P1 a frase abaixo pode ilustrar como lecionam agora com alunos que diferem daqueles que imaginaram: P1 *“Com os diferentes alunos. Por essa diversidade que se apresenta tem uma angústia de buscar mais e melhor conhecimento. Para conseguir contribuir para a formação do sujeito”*.

O impacto do que o professor imaginou para o aluno que se apresenta diante dele pode ter um efeito importante para seguir num crescimento no processo educativo, assim como, pode até ser danoso.

Do mesmo modo, o professor é diferente do seu aluno, e aquilo que o professor pensa ser o melhor para seu aluno, o que pode despertar o interesse desse aluno, pode não ser efetivamente o ele quer de uma aula interessante. O que o professor pensa pode ser uma chatice segundo a opinião do aluno, e vice-versa. Aquilo que o professor quer, seus valores, seus ideais e projetos são seus, não do aluno, cujo desenvolvimento e aprendizagem dependem fundamentalmente dos ideais, do desejo do próprio aluno.

Reconsiderando a questão transferencial, na relação professor-aluno, segundo Kupfer (1989, p 91), a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular que é a pessoa do professor. Transferir é então atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo.

Também no próprio discurso do professor poderemos encontrar alternativas para o que eles mesmos se questionam, então, teremos essa colocação do P2 *“Atualmente o importante é mudar a maneira de pensar e se adaptar ao aluno”*. Teríamos que pensar como é esse se adaptar, que pode ser encarado como uma forma de sair da mesmice que muitas vezes domina o dia a dia do professor, procurando fazer uma leitura do que deseja o aluno.

O educador tem, a partir daqui, elementos que deveriam indicar-lhe alguns aspectos estruturais constitutivos dos sujeitos os quais deverá levar em consideração para trabalhar. O aluno já chegaria com sua história particular de vida, onde a relação com os pais, irmãos e demais grupos sociais, provavelmente estaria marcada por este elemento específico a ele, que é o déficit psíquico ou orgânico. Sua tarefa de ensino será, portanto, atravessada pelos elementos dessa relação que se estabelece entre ele e o aluno com toda a história de vida – pelas expectativas, ansiedades vigilância dos pais e do próprio aluno.

Para ilustrar, o P1 pode nos fazer pensar: *“Antes era DM – agora – mais doente mental, muitos transtornos mentais – obsessivos – transtornos opositores. Clientela que antes*

era Down, PC hoje tem uma doença – hoje é mais difícil. Era só o atraso e agora com doença, é transtorno para poder efetivar o aprendizado, hoje tem que conhecer mecanismos de aprendizagem. Eles não só são treináveis e hoje se trabalha os níveis de conhecimento”. Temos que nos munir de um grupo muito maior de profissionais para trabalhar. Com alunos com necessidades de cuidados especiais o ajuste que o professor tem que buscar fazer no seu cotidiano escolar parece exigir não só o seu preparo individual, mas o de uma equipe de trabalho multi e interdisciplinar:

Retomando a questão de transferência professor/aluno, a bagagem de história de vida de cada um e, principalmente, nas expectativas no diz respeito às atividades ligada ao aprender. No caso de alunos com necessidades de cuidados especiais, os elementos jogados na transferência estariam potencializados por elementos que se relacionam muitas vezes à limitação orgânica ou psíquica.

No módulo específico da Uniasselvi D7. p. 51:

A deficiência mental desafia a escola comum nos seus objetivos de ensinar e de fazer com que esse aluno aprenda o conteúdo curricular proposto. O aluno com deficiência mental tem uma maneira própria de lidar com o saber, que não corresponde ao que a escola preconiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente pode ser constatada que a postura da deficiência era, mesmo com a evolução do conhecimento científico, ligada à marca corporal dessas pessoas, sem possibilidade de deslocamento de como lidar com o psiquismo de cada um. E então, só quem entendia do corpo se encarregava desta tarefa de trabalhar com estes indivíduos com deficiência. Ampliando a leitura sobre a pessoa com DEFICIÊNCIA MENTAL, podemos dizer que, que é um sujeito que adquire uma personalidade particular, fruto de seus próprios conflitos e do seu modo de relacionar-se num mundo por si só exigente. A alteração de postura em relação à deficiência mental abre possibilidades que antes seriam impraticáveis.

À luz da psicanálise, e lembrando os significados de ideais desdobrados anteriormente, boa parte é fruto de um imaginário, ou ainda, pelo dicionário Aurélio, ficam a nível das ideias. Nenhum dos conceitos apresentados tratou de um imperativo que teria que ser colocado em prática. A análise que foi aqui imprimida diz respeito aos professores

que foram entrevistados nesta escola, mas podem estabelecer direções para seguir pesquisando, levantando hipóteses para estudos futuros e auxiliar na prática docente.

Através da leitura do discurso dos professores aqui entrevistados, pode ser entendida a existência da distância entre o que pensa o professor e o que ele realmente consegue realizar com o aluno. Apresenta-se uma falta de reconhecimento do que ele idealiza e do que consegue colocar em prática, reforçando a posição de que o que este professor almeja fica distante do que o aluno pretende. Também foi levantado através da fala destes professores que a complexidade que os alunos apresentam atualmente é bem maior do que anteriormente apresentavam. Atualmente teríamos além da deficiência mental quadros clínicos associados como; o autismo⁸⁹ a psicose⁹⁰ e também um sujeito em estado limite⁹¹. Ilustrado por esse discurso do P3 “A demanda maior agora é o desvio de conduta. Trazer algumas pessoas para ajudar para lidar. A contenção, eles sabem o que estão fazendo. Tem todo o conhecimento do mundo da rua. O professor é ameaçado caso faça algo contrário. Este tipo de aluno além de fazer, não se controlando, ele insere o colega num outro mundo”.

As queixas dos professores oscilam no que diz respeito aos subsídios teóricos, e que, mesmo buscando se especializar e acreditando que a universidade deveria fornecer algum embasamento também, mas, que parece não ser suficiente para trabalhar com sujeitos com necessidades especiais.

A P3, com mais tempo de trabalho, refere ter conseguido aprender no dia a dia e com os lugares e comunidades que a escola esteve inserida, adequar mais seu trabalho ao que vivenciou nestes espaços. Com essa constatação levou em consideração as potencialidades de seus alunos dentro da sua comunidade. A descoberta mais afinada de como lidar com seus alunos no caso da P2, ela coloca que: “Sempre acreditei que eles podiam melhorar se não é assim, não se consegue nada”.

Baseado em Kupfer (p. 97):

[...] o educador inspirado por ideias psicanalíticas renuncia a uma atividade excessivamente programada[...]podendo organizar seu saber mas não tem controle sobre os efeitos que produz. A psicanálise pode então transmitir ao educador uma ética que pode gerar uma posição de trabalho [...] o aluno: ser um indivíduo livre e prestativo.

⁸⁹ Retração, sobre o mundo interior, do sujeito, que recusa o contato com o mundo exterior, que pode ser concebida como um efeito de um fracasso radical na instalação da imagem do corpo. CHEMAMA, 1995 p. 22

⁹⁰ Processo mórbido que se desenvolve no lugar e em vez de uma simbolização não realizada. CHEMAMA, 1995 p. 173.

⁹¹ Caso limítrofe que definiria, no plano nosológico e estrutural, como intermediário ou “na fronteira” entre uma estrutura neurótica e uma estrutura psicótica. CHEMAMA, 1995 p. 63

É preciso, pois, tomar a escola como lugar de convivência com iguais e com autoridade. Dentro dessa perspectiva, a educação é tomada dentro do processo civilizatório, como veiculação da cultura, tendo presente sua função essencial de formação, para, talvez, poder aproximar os ideais da escola com aquele que o aluno veio buscar.

Ao educador, então, caberia levar em consideração essa dimensão ao lidar com esses alunos, numa tarefa sabidamente mais complexa que a já complicada atividade de educação de alunos considerados normais. Desde a psicanálise, é possível uma contribuição fundamental a essas categorias de sujeitos, na medida em que, o resgate da dimensão da singularidade de cada sujeito é muito cara aos psicanalistas, não havendo porque se fixar nas deficiências, mas, sim, nas características destes sujeitos e buscar que, como qualquer um, eles possam desenvolver-se a partir de suas especificidades e de seu desejo.

E finalmente, que o educador deva reconhecer que elementos de seu próprio desejo permitiram ou determinaram a sua escolha a fatores externos, como necessidades econômicas emergenciais, imposições sociais ou histórico-familiares. Na medida em que isto seja reconhecido, esta difícil tarefa a que o educador se propôs encontrará seus aspectos de gratificação pessoal indispensável ao investimento (subjetivo) necessário para que o trabalho com estes sujeitos possa atingir os efeitos esperados.

REFERÊNCIAS

- CALLIGARIS, Contardo. *Crônicas do Individualismo Cotidiano*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- CHEMAMA, Roland (org.). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- KESSLER, Carlos Henrique. O professor precisa ser um agitador cultural. *Revista da Aposta Psicanálise e Educação Uma Transmissão Possível*, Porto Alegre, v. 16, n.16, p. 61, 1999.
- KESSLER, Élide A.. *Tempos adolescentes: vida e discurso*. Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2005. P.28
- KESTER, Carrara (org.). *Introdução a Psicologia da Educação*. São Paulo, Avercamp, 2004.
- KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a Educação. O Mestre do Impossível*. São Paulo: Scipione, 1989.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARASCHIN, Freitas & Carvalho Org. *Psicologia e Educação . Multiversos Sentidos, olhares e experiências*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2003.

UNIVERSITÁRIO Leonardo da Vinci. Caderno Específico de Ed. Especial.